

**UNIVERSIDADE DE UBERABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO:**  
**FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL**

**MEMORIAL FORMATIVO**

**LÁSARA MARCELLE DUTRA MACHADO**

extraído em junho de 2024 do relatório de pesquisa intitulado **EDUCAÇÃO POPULAR E A REDE COOPERATIVA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA (RECEPE):**

**PRODUÇÃO DE MEMORIAL DE EXPERIÊNCIAS COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE NA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG.**

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

M119e Machado, Lásara Marcelle Dutra.  
Educação popular e a Rede Cooperativa de Ensino, Pesquisa e Extensão nas escolas de educação básica (RECEPE): produção de memorial de experiências como prática de formação continuada docente na cidade de Uberlândia/MG / Lásara Marcelle Dutra Machado. – Uberlândia (MG), 2024.  
109 f. : il., color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Educação Básica: Fundamentos e Planejamento.  
Orientador: Prof. Dr. Adelino José de Carvalho Dias.

1. Educação popular. 2. Professores – Formação. 3. Formação continuada.  
I. Dias, Adelino José de Carvalho. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.

CDD 370.115

## **Experiências que influenciaram na constituição da pesquisadora iniciante deste escrito**

O momento de escrita deste relatório de pesquisa gerou algumas reflexões nesta pesquisadora iniciante, não apenas sobre a importância do tema escolhido e do objeto sobre o qual se propôs a investigar. Assim, começo as reflexões deste texto discorrendo um pouco sobre a minha trajetória de vida pessoal e profissional, certa de que, como dito por Paulo Freire, “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro à tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1996, p.58) e conto que a educação sempre fez parte da minha história.

Nascida em 27 de junho de 1990, madrugada de um sábado, na cidade de Ituiutaba – MG. Filha mais velha, contando apenas com mais uma irmã, formamos uma família pequena. A falta de emprego em nossa cidade natal levou nossa família a se mudar para Uberlândia, chegando nesta cidade com quase três anos de idade. Portanto, foi aqui que eu cresci.

Quando éramos crianças, o irmão mais novo do meu pai vinha nos visitar nas férias, para passear na cidade grande. As nossas caminhadas pelo *shopping* e pela rodoviária, sempre acompanhadas por sessões de fotos da decoração natalina, são algumas das minhas lembranças mais vívidas. Aquele era um período repleto de registros fotográficos: festas escolares, eventos importantes e celebrações familiares. Como os filmes fotográficos eram limitados, reservávamos os cliques para momentos especiais, como apresentações, aniversários e as tradicionais festas de Natal.

Nossos pais discorriam sobre a dedicação aos estudos. Talvez pela importância que davam ao que não puderam ter, pois foram criados na roça e não tiveram a oportunidade de pleitear uma vaga na universidade, sendo este o sonho deles para suas filhas. Nas palavras de Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” e a minha experiência pessoal contava com o valor que eles davam à nossa educação, pois mesmo em qualquer dificuldade eles se esforçavam para que pudéssemos ter acesso a todo o material necessário para nossa formação.

Em Uberlândia, iniciei a formação escolar com quatro anos, cursando o maternal em uma escola particular pequenininha, no bairro Roosevelt, pois não havia vaga na escola pública municipal do meu bairro. A princípio, apenas eu fui matriculada, mas minha irmã chorava todas as tardes pela minha ausência e com isso meus pais a matricularam também. Ocorre, porém, que o custo de vida não permitiu que terminássemos o ano na escola

particular.

No ano seguinte conseguiram a minha matrícula na escola municipal para estudar pela manhã e, como não estava acostumada a acordar cedo, nos primeiros dias dormia na sala de aula. Recordo-me de acordar com a professora batendo forte na minha mesa para me acordar e, no terceiro dia de aula, com as batidas na mesa cada vez mais fortes, o meu estojo novo de acrílico laranja caiu no chão e se despedaçou. O choro foi tanto que não voltei mais à escola. Minha mãe iniciou os meus estudos em casa e mesmo tendo apenas o ensino fundamental, que na época dela era o ginásio, consegui me auxiliar na alfabetização.

Aos seis anos voltei para a mesma escola para cursar o pré-escolar, no período da tarde. Houve um grande apreço para com a professora, chamada à época de Tia Rita. Minha família também gostava muito dela e, geralmente, para ir embora a professora passava na porta da minha casa, por isso eu gostava de ficar brincando esperando-a passar com os filhos para abraçá-la. Neste período comecei a brincar de dar aula aos bichinhos de pelúcia, às bonecas e para a minha irmã. Em sala, a professora Rita solicitava, em algumas situações, que auxiliasse aos colegas da turma, o que eu fazia com muito gosto, me sentindo importante.

Cursei os primeiros anos do ensino fundamental em uma escola estadual chamada Padre Mário Florestan, também no bairro Roosevelt. Escola ampla, com grandes quadras e um bosque muito bonito. A professora mais marcante deste período foi a então chamada Tia Márcia. Ela lecionou para minha turma por dois anos seguidos e ensinava sempre com muito amor e carinho. Sua voz era suave, seu temperamento era amoroso. Nossa turma sempre ganhava lanche especial depois das provas do Estado pelo nosso resultado. A professora Márcia é, com grande certeza, uma inspiração para mim até os dias de hoje.

Durante os anos iniciais do ensino fundamental já recebia constantemente na sala a função de auxiliar meus colegas com alguma dificuldade, o que ocorria por ter facilidade em explicar os conteúdos e, por isso, sempre estava próxima aos alunos que mais precisavam de auxílio escolar. Penso hoje que me desenvolvia bem na alfabetização, o que colaborava para ser sempre ajudante e avalio que isso se devia ao incentivo da família com o nosso estudo. Todo mês eles se esforçavam para comprar um gibi ou um livrinho diferente para lermos. Nossos parentes também colaboravam nos presenteando com livros nas datas especiais e sempre fomos incentivadas a ler, a estudar e com isso também crescemos dando valor à escola e aos estudos.

Conforme fui crescendo vi a necessidade de auxiliar os parentes mais próximos e criei uma aula de reforço em casa para ensinar meus primos a lerem e a fazerem operações matemáticas. Para mim tudo era ainda uma diversão e fazia as coisas por intuição, como usar folhas de goiabeira para ensiná-los a contar. Aos poucos os colegas também foram pedindo ajuda e foram visitando minha casa para momentos de estudo em grupo ou para fazer as

tarefas de casa juntos.

Já nos anos finais do ensino fundamental troquei de escola, indo estudar no centro da cidade, em uma escola muito antiga chamada Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa. Mal sabia eu que aquele cabeçalho que eu fazia diariamente como aluna voltaria a ser feito por mim futuramente no quadro negro, agora para ensinar os meus alunos. Neste mesmo período minha mãe teve a oportunidade de voltar a estudar em uma escola estadual da cidade destinada à Educação de Jovens e Adultos para aqueles que queriam concluir seus estudos. Foi nesta escola que tive a oportunidade de adentrar novamente, desta vez como pesquisadora em formação e integrante da RECEPE, para falarmos sobre as relações interpessoais, uma das vertentes formadoras da Rede que será melhor explicitada em seção própria.

Por meio desta escola minha mãe concluiu o ensino médio e prestou seu primeiro concurso público na rede municipal de educação de Uberlândia. Ela e sua amiga compraram uma apostila e, todos os dias da semana, reuniam-se no período da tarde para estudar e eu sempre estava junto contribuindo com as dúvidas, corrigindo as atividades e explicando as questões. Para nossa felicidade ela foi aprovada no concurso como auxiliar de serviços gerais e começou a trabalhar em uma escola de educação infantil no bairro Patrimônio, região histórica da cidade de Uberlândia. Foi nesta escola que eu e minha irmã começamos a frequentar nos dias de festas e nas nossas férias, sempre que a mamãe precisava trabalhar. Retornei nesta instituição como estagiária e, posteriormente, trabalhei em uma escola bem próxima, quando passei no primeiro concurso da prefeitura.

Mas retomando a linha do tempo, da escola de ensino fundamental fui cursar o ensino médio na escola Messias Pedreiro, época em que me preparei para prestar o vestibular na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Anos mais tarde, como integrante da RECEPE, pude participar da formação *online* proposta pela escola. Estudava pela manhã na escola e no período da tarde frequentava um cursinho oferecido pelo estado em outra instituição da cidade. Passei no vestibular com uma nota muito boa e, segundo meus professores do ensino médio, era um “desperdício” fazer pedagogia com a nota que obtive no vestibular, o que diz um pouco dos caminhos trilhados neste estudo.

Hoje compreendo que comentários assim são reflexos de um problema complexo e multifacetado, com raízes em diversos fatores que levam os trabalhadores da escola a deixarem a profissão, bem como desestimulam os jovens a ingressarem na carreira docente, por não ser promissora. Indo muito além do salário, Lapo e Bueno (2003, p.73) apontam que em suas pesquisas

O que fica bastante evidente é que a questão salarial, embora tenha aparecido como o motivo mais referido, veio, na maioria dos casos, acompanhada de outros motivos, relacionados sobretudo à falta de perspectivas de crescimento profissional e às péssimas condições de trabalho, aspectos claramente decorrentes do modo como o estado gere a educação e o ensino

público (Lapo; Bueno, 2003, p.73).

Nadando contra a corrente, fui me apaixonando cada vez mais pelo curso de pedagogia, me sentindo encantada pelas possibilidades descritas pelos professores e construindo uma profunda admiração pela professora e pesquisadora Dr.<sup>a</sup> Iara Guimarães, que me oportunizou a inserção em um projeto de Iniciação Científica (IC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG. Eu, que havia começado a trabalhar para ajudar em casa, pedi demissão para poder participar como bolsista do projeto.

Muitos estudantes de graduação pensam que a iniciação científica serve apenas como um preparatório para os que desejam fazer uma pós-graduação *stricto sensu*, entretanto, “as contribuições da IC apresentam benefícios acadêmicos, profissionais e pessoais” (Pinho, 2017, p.664), além disso a pesquisa na graduação pode ser um caminho para a autonomia intelectual do jovem, que passa a ter a possibilidade real de exercer sua criatividade e de construir um raciocínio crítico. Outro benefício da pesquisa para o aluno é que ela pode permitir a articulação entre os vários conhecimentos, ou seja, a pesquisa pode se constituir em um dos caminhos para a execução de projetos interdisciplinares, que envolvam, também, a superação da dicotomia teoria e prática. Além disso, a pesquisa pode proporcionar, ao estudante, momentos de grande satisfação (Pinho, 2017, p.662).

Na época da graduação eu sentia o desejo de participar mais intrinsecamente da pesquisa, pois começava a acreditar ser essa uma possibilidade para a superação de uma educação bancária (Freire, 2013) vivenciada como aluna e que eu não desejava reproduzir como profissional. Esta experiência mudou minha visão de educação, minha prática como aluna e como profissional e, posso afirmar, despertou-me o gosto pela pesquisa e pelos grupos de estudo.

No desenvolvimento da iniciação científica, junto com mais uma colega, vivenciamos um processo de pesquisa documental intitulado *Território, Territorialidades e Globalização no discurso jornalístico* produzido para o público infantil escolar, em que nosso enfoque era no conteúdo presente em uma revista de grande circulação para o público infantil, no que tangia aos temas de geografia para os anos iniciais.

Mesmo sendo uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, tivemos a oportunidade de utilizar o que estávamos vivenciando no estágio supervisionado. Conseguimos, fazendo uso da revista como um recurso para a alfabetização, auxiliar no processo de alfabetização de estudantes do terceiro ano do ensino fundamental que, segundo a verificação da escola, estavam abaixo dos índices esperados para a turma. Com a orientação da Profa. Dr.<sup>a</sup> Iara, pudemos trabalhar de um modo interdisciplinar, dialético e que oferecia possibilidades a todos de aprenderem a ler e a escrever, mas também de conhecer o mundo e a possibilidade de superar o fracasso, a que pretensamente, estavam fadados pelo ambiente

escolar.

Concomitante à iniciação científica, participávamos do grupo de pesquisa Formação Docente, Saberes e Práticas de Ensino de História e Geografia, por meio do qual me interessei muito pela pesquisa acadêmica. A professora da iniciação científica foi quem despertou em mim o gosto pela escrita e foi a maior incentivadora para que escrevêssemos trabalhos para congressos, fizéssemos apresentações do nosso projeto de IC até conseguirmos a publicação de um artigo por uma revista da UFU.

Quando eu estava caminhando para a reta final da graduação, a prefeitura de Uberlândia realizou o primeiro concurso público em que fui aprovada, sendo chamada para trabalhar no ano de 2021 no cargo de educadora infantil. Já havia finalizado o estágio do último ano da faculdade e com isso consegui assumir o cargo no período da tarde em novembro daquele ano. Fui trabalhar em uma escola da prefeitura de educação infantil no mesmo bairro Patrimônio, ao lado da escola em que minha mãe trabalhava e que passei parte da minha vida.

Em janeiro de 2022 foi realizado o concurso do Estado de Minas Gerais e no mesmo ano um novo concurso para a prefeitura de Uberlândia, nos quais fui aprovada como professora. Em 2023, assumi duas turmas como professora, uma na prefeitura trabalhando na educação infantil e outra no estado, nos anos iniciais do ensino fundamental. Por isso o gosto pela escrita e pela pesquisa precisou ser deixado de lado pois, logo após me formar, já estava trabalhando em dois cargos, o que me distanciou da universidade em certa medida e me faz pensar em como a profissão docente está organizada, o que, infelizmente, não permite “estruturar espaços e tempos de formação que seja possível realizar tarefas reais de trabalho” (Mizukami, 2002, p.101).

Como aponta a pesquisa realizada por Mizukami, o desenvolvimento profissional das professoras não se dá de forma linear ou automática, mas sim através de um processo contínuo de reflexão, de experimentação e de construção de conhecimento. Para que esse processo seja eficaz, é fundamental que as professoras disponham de tempo e de oportunidades para “repensar seu papel em sala de aula e suas práticas pedagógicas” (Mizukami, 2002, p. 181), com o objetivo de construir práticas pedagógicas mais adequadas à realidade da população que frequenta aquele espaço e aos princípios defendidos pela instituição.

Para a minha surpresa fui lecionar na mesma escola estadual em que estudei e me senti muito feliz em retornar e em ter antigos professores como colegas de profissão. Atualmente, estou muito triste em saber que a escola em que estudei e leciono não terá mais turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, condição ocasionada pelo processo de municipalização do ensino. Mesmo estando prevista em lei<sup>1</sup>, a municipalização faz parte do processo de

descentralização da gestão educacional imposta pelas “premissas neoliberais suportadas pelo modelo gerencialista do Estado e sua função avaliadora” (Soares; Vidal, 2022, p. 2000). A ausência de coordenação nacional e a fragmentação das políticas educacionais entre estados e municípios geram disparidades, ofertando a administração de escolas públicas ao terceiro setor que, bem sabemos, tem a intenção de implementar um projeto educativo particular e que não possui conexão com a proposta pedagógica da rede municipal de educação e “tampouco participam ativamente de cenários mais amplos de discussão ou de pressão por políticas públicas para o setor” (Russo, 2013, p.639). O mesmo acontece com as atividades “de formação continuada para professores dentro de seus próprios princípios educativos” (Russo, 2013, p.639), gerando, em contrapartida do que foi pensado, desigualdade na educação e desvalorização da profissão docente e do serviço público.

Meu ingresso em sala de aula se deu pela primeira vez aos vinte e um anos e um ano e meio depois já era regente de turma em duas escolas, uma de educação infantil e outra de fundamental. Me questionava frequentemente em sala de aula sobre os processos do desenvolvimento infantil, a importância do cuidado, do olhar afetivo, do enxergar o outro como ser humano em constante aprendizagem e não apenas como mais uma criança. Na escola de educação infantil existia o medo em ter que cuidar de crianças tão pequenas e indefesas que estavam sob minha responsabilidade. Ali aprendi o quanto o ser humano observa e aprende nossos gestos, modo de falar, agir e como professores somos espelhos para elas.

No ensino fundamental buscava possibilitar aos meus alunos e alunas que pudessem ser protagonistas de sua aprendizagem, não reproduzindo como crianças tão pequenas as já saturadas práticas disponíveis em livros ou na rede mundial de computadores apresentadas a eles sem a devida contextualização e, por extensão, não possibilitando a construção de conhecimento. Entretanto, muitas vezes falhava, muito em razão dos regramentos impostos pela rede estadual para cumprir o currículo e preparar as crianças para as avaliações externas.

Já na primeira experiência na alfabetização sentia a necessidade de recorrer aos livros de Magda Soares sobre alfabetização e letramento, na busca por rememorar os ensinamentos do tempo da faculdade, refletindo sobre a prática e traçando objetivos para que meus alunos estivessem lendo e escrevendo. E me tranquilizava com Freire (1986), refletindo que estava trilhando com eles o caminho em que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1986, p. 11). Hoje, boa parte da primeira turma que lecionei no fundamental encontra-se fazendo faculdade e é com grande orgulho que já recebi a visita de ex-alunos para me contar a novidade. Fico muito feliz em ver a conquista de cada um deles.

Ao interesse desta pesquisa, muito me incomoda a realidade das formações de

professores nas redes de ensino em que trabalho, que centraram muito no saber fazer. São implementados cursos com o objetivo de ensinar o professor a cumprir certa técnica ou a dominar certo programa de ensino. Pouco se discute o porquê, o como, o quando e o onde, ou as condições de trabalho e a quem se está atendendo com o currículo estabelecido de cima para baixo pois, independente de tudo isso, o conceito de um bom professor é o que supera as dificuldades do modo possível para cumprir seu dever.

O início de ano é marcado pela fala motivacional, de fazer o melhor dentro do melhor possível, sem problematizar as características atribuídas a um bom professor (Connell, 2010), condição atrelada a uma política gerencialista. Por isso “o modelo do professor competente está inserido em um contexto: está associado à expansão de uma ordem política e cultural direcionada aos interesses do mercado” (Connell, 2010, p.169).

Na rede estadual os professores do primeiro ao quinto ano não possuem nenhum dia para estudos, devendo realizá-los no extraturno. Já na escola do município havia muita pressão por parte da gestão para que se os docentes participassem dos cursos oferecidos pelo Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE) e um tanto por isso muitos trabalhadores faziam a inscrição, mas a falta de interligação com a realidade era um fator crucial para interromperem os estudos iniciados.

A grande mudança aconteceu quando a gestão do Município de Uberlândia (2013-2016) propôs que a formação continuada acontecesse de duas formas: a primeira no CEMEPE, como sempre ocorreu, e a segunda a ser realizada na formação continuada na própria escola. Assim, a equipe escolar unida elencou temas que considerávamos importantes para trabalharmos nas escolas nos dias de módulo com a pedagoga.

Os temas eram estudados com bases em artigos, livros que eram lidos e discutidos entre todos os trabalhadores e trabalhadoras da escola, além de convidados/as que puderam contribuir com o tema. Entretanto, com a mudança da gestão, este movimento terminou e tive que procurar por cursos, palestras, eventos e seminários que pudessem agregar algum conhecimento a partir de um esforço individual.

Essa inconformidade com a realidade, com a burocratização do trabalho do professor e com a falta de liberdade para pensar foram ainda mais evidenciadas durante a pandemia da COVID-19, condição em que o professor foi colocado como mero corretor dos Planos de Estudos Tutorados (PETs) que o governo produzia e a escola tirava cópia e entregava aos discentes. Em plena pandemia, pouco ou quase nada se falou em saúde mental. O professor teve seu espaço de descanso invadido por horas a mais que as habituais de trabalho e sem nenhuma ajuda de custo, de modo que ficar em casa para a educação foi necessário, mas desafiador.

Mesmo com todo o descontentamento, eu me desdobra para fazer vídeos *online* para



meus alunos, produzindo aulas individuais com os que estavam com mais dificuldade de acompanhar o PET, realizando aulas coletivas com a turma e fazendo mensalmente aulas diversificadas de modo virtual, com brincadeiras, jogos, aulas de desenho, contação de história e outros. Este movimento me permitiu ter um pouco mais de liberdade de palavra, de ser e de pensar minhas aulas e profissão, mas era novamente aquele movimento de fazer o melhor dentro do melhor possível.

Todas estas questões desencadearam uma inconformidade ainda maior em mim. Não me sentia feliz em apenas cumprir programas e metas diante da realidade enfrentada. Decidi que iria exonerar de um cargo para me dedicar à preparação para cursar mestrado, pois já havia tentado o ingresso na UFU e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) anteriormente sem sucesso.

O ano de 2022 seria meu último ano no estado quando a escola anunciou o Projeto Trilhas de Futuro e a oportunidade desejada estava diante de mim, através das opções políticas neoliberais adotadas pela gestão do Governo de Minas Gerais. Oportunidade em que pleiteei a vaga na UNIUBE e fui aprovada. Ao concluir esta etapa não tenho dúvida de que a experiência do mestrado profissional foi uma oportunidade de estar junto ao meio acadêmico, à produção e à pesquisa que tanto auxiliaram em minha formação na graduação e, assim, um meio de retomar valores profissionais e contribuir para minha formação e, por conseguinte, assim espero, poder auxiliar diretamente meus alunos.

Dentre as várias questões estudadas no primeiro semestre do mestrado uma me tocou diretamente, que é a Educação Popular. Visando construir conhecimentos que me agregassem, iniciei a participação na Rede Cooperativa de Ensino, Pesquisa e Extensão nas Escolas de Educação Básica – RECEPE, pois a proposta da Rede de interligar a escola, a universidade e a comunidade, visando realizar uma educação emancipatória, possibilitou que meus olhos voltassem a brilhar e minha mente fervilhasse de ideias e novas possibilidades.

Posto isso, foi com essa perspectiva que este estudo se desenvolveu ao mesmo tempo em que caminhávamos na continuidade do projeto de constituição da RECEPE. Assim, é com esperança que a pesquisa vinculada a este memorial tem a expectativa de colaborar na construção desta Rede, na minha formação e na de inúmeros colegas de profissão.